

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 32 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6892957>



REVISITANDO AS “RAÍZES DO MEU SER: MEU PASSADO PRESENTE INDÍGENA”

*Nívia Maria Assunção Costa*¹

*Sunamita Vitória Rodrigues dos Santos*²

*Laura Sousa Campos*³

*Ana Gabriela de Ornelas Pereira*⁴

Resumo

Este texto faz uma resenha do livro “Raízes do meu Ser: meu passado presente indígena”. A obra visa promover o debate em favor das causas indígenas, principalmente, por meio do relato de resistência e luta do povo Tremembé do Ceará, bem como, da autoaceitação da autora do livro como parte desse povo, e ainda, suscita reflexões sobre a questão histórica brasileira pela ótica mais abrangente de uma literatura indígena, denunciando aqueles que foram enganados, invadidos, perseguidos, escravizados, violentados de todas as formas e declarados extintos do contexto brasileiro por meio de políticas públicas irresponsáveis.

Palavras chave: Ceará. Indígena. Povo Tremembé.

Abstract

This text is a book review of “Roots of my Being: my indigenous past present”. The work aims to promote the debate in favor of indigenous causes, mainly through the report of the resistance and struggle of the Tremembé people from Ceará, as well as the self-acceptance of the author of the book as part of this people, and also, it raises reflections on the issue Brazilian history through the broader perspective of indigenous literature, denouncing those who were deceived, invaded, persecuted, enslaved, violated in all ways and declared extinct in the Brazilian context through irresponsible public policies.

Keywords: Ceará. Indigenous. Tremembé People.

O livro “Raízes do meu Ser: meu passado presente indígena”, publicado em 2019, tem a autoria Telma Pacheco Tãmba Tremembé. A obra foi lançada pela Editora Caixeiro Viajante de Leitura, possui 132 páginas, e está dividida em sete capítulos. A autora é indígena da etnia Tremembé de Almofala-Itarema no estado do Ceará, artesã, contadora de histórias e militante em favor das causas indígenas e da natureza. Ainda conforme seu livro, Telma Tremembé possui diversas formações, entre as quais Contabilidade com noções em Direito, Patrimônio com noções de Museologia indígena, espiritualidade e cura na medicina tradicional indígena e, ainda, Bem-Viver, Saúde Mental Indígena pelo Instituto Fiocruz, Campus Amazônia.

1 Doutora em Linguística. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). E-mail para contato: profnivia@gmail.com

2 Graduanda em Engenharia de Software pela Universidade de Brasília (UnB). Técnica em Automação Industrial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Bolsista CNPq. E-mail para contato: sunamita.vrs@gmail.com

3 Graduanda em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB). Técnica em Mecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Bolsista IFG. E-mail para contato: laurasousacampos@gmail.com

4 Técnica em Mecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Bolsista CNPq. E-mail para contato: anagabriladeornelas@gmail.com



O livro convida o leitor a conhecer as narrativas e vivências da autora e de seu povo Tremembé enquanto escritora mulher indígena a partir de uma literatura que é urgente e denuncia as questões sobre o direito humano e as políticas públicas que assolam os povos tradicionais e o ecossistema. Telma Tremembé faz um resgate sócio-histórico de como se deu a formação de sua ancestralidade e da perspectiva colonialista que até hoje é imposta a esses povos, sobretudo ao narrar o massacre dos Tremembé como cidadãos indígenas brasileiros e como forma de apagamento de sua identidade e territorialidade.

Em seu primeiro capítulo, a autora apresenta a história brasileira relatada pela perspectiva indígena. Ao descrever o território brasileiro com o ecossistema, os povos indígenas com a sua cultura, religião e como eles sempre viveram em perfeito equilíbrio com a natureza e entre si, a escritora desconstrói sentidos ao denunciar a visão colonialista de produção do conhecimento em torno da história brasileira contada pela perspectiva eurocêntrica e imposta pelo colonizador à comunidade indígena e às demais comunidades da sociedade brasileira.

Logo no primeiro capítulo, é perceptível para o leitor a existência de uma narrativa denunciadora, sobretudo porque a vivência indígena em perfeito equilíbrio com a natureza e entre si foi quebrada a partir das influências do fator desestabilizador, "políticas públicas europeias em território brasileiro", já que esse fator é fruto da colonização e de frentes expansionistas do capitalista e da exploração desordenada do território brasileiro.

A autora narra como o modo de vida indígena, antes do período colonial, respeitava o meio ambiente e os indígenas de outras comunidades tradicionais. Antes de serem invadidos pelo colonizador, os povos originários viviam em uma sociedade em que as desigualdades e as lutas pelo poder eram quase inexistentes, tudo era sempre resolvido de forma respeitosa à natureza e à territorialidade dos demais parentes indígenas e o consumo exacerbado da natureza, que permeia nossa atual realidade, antes não existia, esclarece Telma Tremembé no primeiro capítulo.

A escritora nos mostra, ainda, no mesmo capítulo, como o nomadismo indígena era importante para que um território não fosse explorado em excesso. A autora procura mostrar ao leitor a importância de sempre respeitar os limites do meio ambiente, algo que não presenciamos na relação de uma parcela considerável da sociedade não-indígena.

No capítulo dois, Telma Tremembé descreve a própria invasão do território brasileiro no período colonial brasileiro. Em um relato denunciador, ela revive a história de como foram os primeiros contatos dos povos tradicionais com os saqueadores, nomeação concebida pela autora ao fazer referência aos portugueses colonizadores. A ajuda indígena era importante para os brancos europeus visto que os



povos originários conheciam perfeitamente o território brasileiro e, assim, ajudavam os “novos amigos brancos” a conduzir a extração de ouro, destaca a escritora.

Além de fazer um breve relato sobre a dor dos negros escravizados, a escritora chama, também, a atenção do leitor para a existência da escravidão indígena, que ocorreu logo após a relação “amigável” do colonizador branco. Telma Tremembé esclarece que essa relação mudou quando o primeiro homem de seu povo foi assassinado pelos saqueadores, gerando o aumento das desconfianças e descrenças entre a comunidade indígena e os invasores portugueses.

De todo modo, segundo a escritora, os indígenas que não foram acorrentados pelos invasores, fugiram para tentar sobreviver e mesmo com toda a crueldade cometida com os povos originários, alguns indígenas decidiram, ainda assim, unir-se aos saqueadores, ganhando mimos em troca de ajuda; e quando essa minoria indígena não atendia o desejo dos invasores europeus, o indígena era assassinado.

No capítulo três, Telma Tremembé revive a história sobre seus descendentes, aprofundando-se, ainda mais, na história do seu povo, em especial a de sua escanção-avó, a guerreira Maria das Flores, pela qual ela tem muito carinho, respeito e consideração. Segundo a escritora, com a chegada dos saqueadores, os indígenas encontraram um homem branco, um coronel que logo se casou com Maria das Flores após ganhar a confiança da comunidade indígena. A autora relembra, também, como a vinda dos europeus trouxe muitas doenças não só para os povos tradicionais que aqui habitam como para a própria natureza brasileira e, como consequência dessa invasão, os indígenas desenvolveram seus métodos naturais para evitar/amenizar as doenças do invasor europeu.

Segundo Telma Tremembé, ainda no mesmo capítulo, a relação entre o coronel branco e Maria das Flores não era uma das mais saudáveis, sobretudo porque depois do casamento deles, o saudosismo da aldeia pela indígena era constante e, por conta dessa saudade, ela tentava, por diversas vezes, fugir do coronel para visitar sua família indígena. E nessas fugas, rememoradas pela autora do livro, o coronel capturava Maria das Flores, sempre retornando com ela amarrada. Certa vez, em uma de suas fugas, Maria das Flores ficou desolada ao encontrar muitos de seus conhecidos mortos, narra a escritora. A autora enfatiza, ainda, que a cultura indígena e a natureza foram muito afetadas com o decorrer do tempo e que apesar de tudo, Telma Tremembé relembra como tudo isso faz parte de sua ancestralidade, de sua identidade como Tremembé.

Em uma narrativa denunciadora, a autora destaca que, durante anos, os povos tradicionais foram privados de usar os seus nomes indígenas e que, além disso, aconteciam indiscriminadamente os desmatamentos e diversos abusos contra a natureza; na continuidade de uma escrita denunciadora ela destaca que todas as políticas públicas, que violam seus direitos, são uma forma de massacre contra seu povo e contra a sua ancestralidade.



No capítulo quatro, Telma Tremembé rememora a história de sua avó, a guerreira Nazaré Pacheco Martins, cuja personagem foi de extrema importância na busca sobre o seu passado indígena, sendo uma pessoa presente na infância da autora e mesmo dentro das limitações de se expor como indígena, ela fez o possível para manter viva a cultura indígena entre os netos.

Segundo a autora, o etnocídio dos povos indígenas deixou traumas psicológicos em muitas pessoas de sua família. Um exemplo desse trauma, destacado pela autora no mesmo capítulo, ocorreu com a sua tia avó que mesmo possuindo dons indígenas, ainda hoje, continua negando sua ancestralidade indígena.

Em breves palavras, a autora aborda, ainda, sobre a espiritualidade e a religiosidade do povo indígena no mesmo capítulo. Ela esclarece que a crença sobre a existência de Deus é dúbia e que a natureza é protegida pelos guardiões da natureza, isto é, pelos espíritos diversos ligados com o meio natural e com os quais os povos originários têm uma relação mais próxima e sagrada. A autora finaliza o quarto capítulo fazendo uma reflexão a respeito das questões indígenas envolvendo o genocídio indígena camuflado no passado e no presente, o preconceito e a escravidão indígena, reforçando a convicção de que as políticas públicas continuam sendo omissas na contemporaneidade.

No capítulo cinco, a autora narra a história da guerreira Bernadete Pacheco Martins, sua mãe, nascida no dia 27 de abril de 1940, descrita pela autora como a mulher mais forte que ela já conheceu e que quando ficava ao lado dela, sentia-se como se fosse intocável. Segundo a escritora, sua mãe possui diversas habilidades, entre as quais, curandeira, lavradora, pescadora, costureira e cozinheira e que quando criança, Bernadete lutava por uma infância saudável e feliz. A autora acrescenta que sua mãe teve oito filhos e oito sobrinhos e que para alimentar todos, Bernadete fazia várias iguarias, como cocada, bolos, pé-de-moleque etc.

Segundo a escritora, quando sua mãe estava perto de se casar, Bernadete abandonou o noivo para se casar com seu primo, seu Pacheco, seu único amor, e pai de Telma Tremembé, o qual já tinha oito filhos e os quais foram criados pela mãe de Telma Tremembé. A autora destaca que seu Pacheco era um pai maravilhoso e um homem muito trabalhador, mas ele não era fiel no casamento, sendo um homem muito namorador. A autora também descreve sua casa como uma pequena aldeia e destaca que sua mãe era o cacique, cuidando da organização, dos recursos, da manutenção das coisas para que não acabassem antes da hora e não houvesse desperdício; e que seu pai era o pajé, curandeiro, conselheiro, professor e psicólogo. A autora rememora que ela e os irmãos eram o corpo da aldeia, em que as tarefas eram divididas para todos. De todo modo, destacou a autora que sua irmã, a Joelma, possuía as tarefas mais pesadas, como encher uma bacia de coco e ir à cidade para vender ou trocar objetos por comida. A autora rememora que Joelma nunca voltou de mãos vazias para casa.



A autora destaca, no mesmo capítulo, que sua mãe trabalhava muito na criação de objetos artesanais e que todo conhecimento artesanal possuído hoje pela autora é o resultado da aprendizagem que teve com sua mãe. Telma rememora que Bernadete sempre deixou a cultura indígena viva e presente, todavia sua família não podia se declarar indígena para não colocar a vida de todos em risco. Bernadete se aposentou dia 11 de outubro de 1985 como a primeira mulher pescadora do Ceará, pela Capitania dos Portos do Ceará. Em uma escrita emotiva, Telma Tremembé enfatiza que a ancestralidade sempre gritou fortemente nela e que ela sempre buscava por sua raiz a todo instante. A escritora finaliza o quinto capítulo trazendo ao leitor uma reflexão sobre a organização da sociedade indígena. Nessa reflexão, ela constrói argumentos contra estereótipos relacionados aos indígenas, sobretudo contra a crença de que eles são aculturados. Telma, desmistificando essa crença, relembra que muitos não-nativos têm se beneficiado das tradições indígenas, como comidas típicas, instrumentos, ideias, organização social, vida sustentável e saudável etc.

A autora, ainda, acrescenta que as sociedades indígenas são a primícia da cultura brasileira e possuem estrutura e organização social, apontando os caciques, pajés, anciões, mulheres, jovens e curumins como líderes dessa sociedade; os pajés, curandeiros, raizeiros e parteiras responsáveis pela saúde; a educação como sendo os saberes passados de geração em geração pelos mais velhos aos mais novos; agricultura como fonte de alimento; a religião, tendo a natureza como ser supremo; os guerreiros da aldeia, como seguranças; o lazer e a política social como, respectivamente, festejos e rodas de conversa, ambos visando melhorias dos povos indígenas, e que, além da invasão de seus territórios, os saqueadores causaram também o aborto da evolução de seu povo, um retrocesso espiritual, desabafa a autora.

No sexto capítulo, a escritora aprofunda ao conhecimento do leitor um pouco mais de sua própria história de vida e de suas vivências como mulher indígena. Nascida em 25 de julho de 1972, em Fortaleza no estado do Ceará, Telma Tremembé esclarece ao leitor que foi registrada com data e nome errados. Segundo ela, o nome escolhido a ela por seus pais foi Tâmbã e que a data de seu nascimento registrada pelo cartório foi 06 de julho de 1972. No decorrer da leitura, o leitor percebe que Telma tem uma formação extensa e que ao longo de sua vida atuou em diversas áreas profissionais, defendendo várias causas, sobretudo como militante em favor das causas indígenas e da natureza, tendo, ainda, um olhar de amor e respeito com os LGBT's, quilombolas, pescadores, cegos, surdos, mudos, moradores de rua etc.

No mesmo capítulo, a escritora informa que o processo de escrita de seu livro levou cerca de dois anos e meio, tendo como fonte de informações narrativas registradas por sua família, pelas rodas de conversa com seu pajé e com seu cacique, ambos da etnia Tremembé. A escritora explica que lhe foi



tirado o direito de nascer dentro da aldeia junto com seu povo, mas que isso não pôde tirar o sangue indígena que corre em suas veias. Segundo ela, em sua infância, sofreu muito preconceito por causa de seu corte de cabelo e seu jeito de ser, mas nunca se deixou abalar pelos comentários maldosos, pois desde cedo tinha orgulho de ser quem era. No decorrer do capítulo, o leitor se depara com subdivisões descritas como “chamados”, os quais fazem referência a sete situações vividas por Telma Tremembé ao longo de sua vida.

No primeiro deles, a autora explica que, aos 5 anos de idade, o mar costumava chamá-la porque, em suas férias, ela ia passar o dia na praia para tomar banho de mar, sendo esse dia o mais esperado do ano por ela. No chamado seguinte, aos 7 anos de idade, Telma Tremembé esclarece que a mata costumava chamá-la, já que ao ir para a casa de sua avó, ela tinha contato direto com a natureza. O terceiro chamado, aos 10 anos de idade, ela faz referência ao tempo em que se mudou para Abreulândia com a sua família. Nesse lugar, o contato com o mar e com a natureza era constante. No quarto chamado ocorreu, aos 20 anos de idade, quando em uma viagem litorânea, num carro comum por estradas arenosas, ela teve a oportunidade de conhecer diversos povoados e conversar com os moradores, sem se perder e atolar o carro até sair na praia de Peixe Gordo em Icapuí, no Ceará.

O quinto chamado, aos 24 anos de idade, ocorreu quando ela foi morar em Aratuba, onde foi convidada para uma festa e dançou Toré com os indígenas por saber que era herança de seus antepassados. Para ela, foi um momento marcante, já que estava com indígenas como ela, mesmo sendo de etnias diferentes. Já no sexto chamado, aos 27 anos de idade, Telma Tremembé deu à luz a sua filha Beatriz Pacheco Augusto Aristoteles, filha de mãe e pai indígenas, sendo uma autêntica Tremembé do século XXI. O sétimo e último chamado, aos 37 anos de idade, ocorreu quando a autora conheceu seu atual marido, Anderson Branger, e juntos em uma viagem à aldeia indígena Coquinho no Maranhão, ela teve a oportunidade de comprar seu primeiro arco e flecha.

Apesar de todos esses chamados, com 42 anos de idade, Telma Tremembé explica a seu leitor que ainda não havia conseguido encontrar seu povo, até que, em 2014, teve uma perda de memória temporária, considerada pela autora como um achado, já que ao seguir a recomendação médica, ela resolveu morar em um local mais tranquilo, mudando-se, posteriormente, para um sítio localizado dentro de uma aldeia indígena. Nessa aldeia, onde ela foi acolhida e aconselhada pelo cacique, Telma Tremembé resolveu descobrir suas origens e ao visitar a aldeia dos Tremembé em Almofala no município de Itarema, no Ceará, encontrou o cacique João Venâncio que a recebeu como filha Tremembé, sobretudo pela veracidade na história dela contada a ele. A autora explica, no mesmo capítulo, que ao participar de uma bienal de livros, ela ficou responsável por um stand do povo Tremembé. Nessa bienal, ela percebeu que quando estava trajada com suas roupas indígenas, mais



pessoas visitavam o stand. Quando ela retornou à sua casa, ela resolveu começou a escrever o livro sobre sua história e a de seus antepassados.

Mais uma vez, em uma narrativa denunciadora, a autora reitera que a história da colonização e do genocídio indígena ocorrido em contexto brasileiro é contada de forma totalmente equivocada e errônea, e que essa visão estereotipada dos indígenas permeia até os dias atuais. Ela diz que, infelizmente, não é possível mudar a visão eurocêntrica sobre a história do Brasil nos livros escolares. De todo modo, ela esclarece que tem tido a oportunidade de divulgar, através de seus próprios livros, a verdadeira história da colonização a partir da perspectiva indígena.

A autora finaliza o sexto capítulo fazendo uma reflexão ao colocar em pauta a existência de políticas públicas irresponsáveis, sobretudo diante de tamanho desamparo às famílias brasileiras que não têm boas condições socioeconômicas; e que geralmente não têm apoio governamental para cuidar de suas crianças e de seus idosos. Considerando uma política pública irresponsável, os jovens adultos dificilmente conseguirão criar seus filhos dignamente e nem conseguirão ter uma velhice saudável no futuro, desabafa Telma Tremembé. Ao questionar se o povo brasileiro tem tido participação nas políticas públicas, a autora termina o capítulo denunciando esse tipo de política como um crime e reiterando que “isso é a realidade, é o passado presente e o futuro do plano de vida que o Governo planejou para o povo brasileiro.”

No sétimo e último capítulo do livro de Telma Tremembé, a autora destaca a sua filha Beatriz Aristóteles, cujo nome significa "pessoa que traz alegria". Nascida no dia 27 de dezembro de 2004, Beatriz é considerada guerreira Tremembé devido à luta pela sobrevivência que precisou ter quando ainda estava no ventre de sua mãe. Telma Tremembé passou por um parto cesariano complicado e Beatriz precisou ser internada na Unidade de Terapia Intensiva por conta de um alto nível de icterícia. A autora também conta que, na infância, Beatriz gostava de cantar, dançar, ouvir histórias, pintar-se, brincar com massa de modelar, comer verduras, peixe e tapioca, e, principalmente, tomar banho de mar, gosto esse que continuou conforme foi crescendo.

Aos três anos de idade, os pais de Beatriz se separaram e sua mãe Telma necessitou trabalhar em três empregos, enquanto a filha era cuidada pela irmã de Telma, a Joelma. Na continuidade do capítulo, a autora descreve a rotina dela e de sua filha, citando os empregos: pela manhã trabalhava como vendedora, à tarde trabalhava como motorista particular e, à noite, já em casa e com sua filha Beatriz, empacotava pacotinhos de uva-passas para vender. Mesmo diante da intensa rotina, Telma e Beatriz viajavam, nas férias, para a cada da guerreira Bernadete, avó da Beatriz, no interior de Itapipoca, no Ceará. Quando Telma se casou novamente, Beatriz, aos cinco anos de idade, lhe perguntou se poderia chamar Anderson, seu padrasto, de pai, pois até então ele era chamado por ela de tio.



A autora narra, também, sobre a sua amnésia em 2014. Segundo ela, às cinco e meia da manhã, ela saiu de casa de carro, levando apenas seu celular pessoal e vestida numa camisola, sendo encontrada apenas às quatorze horas e sem reconhecer seu marido e sua filha Beatriz. Ao ver a Beatriz, Telma não entendeu o porquê de sua filha ter crescido tanto de um dia para outro. No decorrer do capítulo, a autora destaca a importância de Beatriz para o resgate de sua memória. Telma nos conta que ela tem realizado um tratamento contínuo no Centro de Acompanhamento Psicossocial devido aos lapsos de memória que ficaram como sequelas da amnésia que sofreu. Para ela, essa amnésia está estritamente ligada ao resgate de sua história indígena, ao reencontro com seu povo Tremembé, à preservação e à continuidade da sua cultura.

Com orgulho, a autora destaca a participação de Beatriz desde muito jovem na luta e na militância do movimento da juventude indígena do Ceará, tendo participado de eventos indígenas, assembleias, fóruns, plenárias, atos, manifestações e Ocupa Funai, lutando junto com seu povo indígena por melhorias. A autora ressalta que, mesmo sendo jovem, as ideias de Beatriz são sensatas e maduras.

Assim como nos demais capítulos, a escritora mostra a seu leitor uma narrativa escrita de forma muito sensível à sua dor e às perdas indígenas no passado e no presente. Segundo Telma Tremembé, os povos originários sofreram torturas físicas e psicológicas, resultando no genocídio de muitas etnias. Para Telma, lhe dói saber que sua cultura não é plena e foi construída com o sangue de seu povo. Sua dor diz respeito ao massacre indígena; e os que puderam escapar jamais viveram suas vidas como antes, pois tinham sempre que fugir e negar suas origens indígenas. De todo modo, em meio a dolorosa memória das perniciosidades causadas aos povos indígenas, a autora descreve que sente alegria por saber que não está só, pois os povos indígenas do Brasil se unem e resistem cada vez mais. Os povos originários não se intimidam mais pelas políticas públicas que não os reconhecem como são. Ao contrário disso tudo, ela se orgulha de sua cultura ancestral e, principalmente, procura sempre erguer a cabeça gritando que é mulher indígena.

A escritora conclui seu capítulo destacando informações relevantes sobre a situação e a resistência de seu povo Tremembé. Segundo ela, seu povo é conhecido como deuses do mar, pela coragem, como Povos do Mar, pela vivência no litoral cearense. Eles habitam sendo desde o estado do Rio Grande do Norte até o Rio Gurupi no estado do Maranhão e, atualmente, eles se concentram em Itarema, Itapipoca, Acaraú e seus municípios. A autora acrescenta, também, que os Tremembé estão distribuídos em vinte e quatro aldeias no estado do Ceará e em duas aldeias em Raposa, no estado do Maranhão.

Segundo a autora, os povos originários da etnia Tremembé, no contexto atual, moram em casas de alvenaria, possuem suas ocas e locais sagrados nas aldeias, vestem-se com roupas comuns no seu dia



a dia e com suas vestes e indumentárias indígenas em seus rituais e festejos, as quais possuem grande importância para o fortalecimento de sua cultura. Durante os rituais e festejos, a escritora esclarece que os Tremembé se pintam e utilizam suas vestimentas de palha e penas, colares, pulseiras, como também, conchas do mar e búzios. Sua língua-mãe é o tupy (raiz Macro-jê) e tem sido preservada através de cânticos e orações durante os rituais e do dialeto próprio do povo Tremembé.

A autora informa, ainda, que a alimentação dos Tremembé consiste em alimentos comuns, mas eles preferem alimentos naturais e saudáveis, tendo como base alimentícia o uso de frutas, verduras, raízes, peixes, crustáceos, farinha de mandioca e alguns derivados. A renda financeira das famílias Tremembé é obtida através da pesca e venda de peixes, dos diversos tipos de artesanatos produzidos e das muitas profissões que exercem nas aldeias, como professores, profissionais da saúde e autônomos. Os Tremembé possuem, também, suas escolas indígenas, postos de saúde, museus etc.

Diante do que foi exposto, o livro é uma obra de importância expressiva em favor das causas indígenas e da natureza. A obra, que precisa ser lida, refletida e discutida em diversos ambientes, possui um relato no qual é encontrada toda a expressividade de um discurso construído por uma escritora indígena que tem presenciado um cenário brasileiro desprovido de políticas públicas em favor dos indígenas, os quais foram invadidos, escravizados, massacrados, roubados, declarados extintos e resistem a todos os tipos de (des)governo. Os interessados no livro podem ser professores, alunos e quaisquer cidadãos brasileiros que buscam compreender como o estado brasileiro tem sido omissos em muitas causas, inclusive nas causas indígenas, como o povo de etnia Tremembé. A falta de comprometimento das políticas públicas é notória quando nos deparamos com as narrativas denunciadoras do livro de Telma Tremembé. De forma cuidadosa, ela expõe o problema da violação dos direitos dos povos indígenas que é tido como algo antigo, e que, infelizmente, não há interesse do governo em construir políticas que possam, de fato, fortalecer as diversas vozes indígenas. O livro *Raízes do Meu Ser: Meu Passado Presente Indígena* é um grande ensinamento para a sociedade brasileira sobre os episódios genocidas ocorridos dentro do território brasileiro.

REFERÊNCIA

TREMOMBÉ, Telma Pacheco Tâmba. **Raízes do meu Ser: meu passado presente indígena**. Fortaleza: Editora Caixeiro Viajante de Leitura, 2019, 132 p.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 32 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima